

FILMOLOGIA DO TESTEMUNHO: UMA ANÁLISE DA PELÍCULA *SORSTALANSÁG* (“MARCAS DA GUERRA”) SOB A PERSPECTIVA EXISTENCIALISTA DE VIKTOR FRANKL

Leticia Rossi Feliciano Brigagão¹

RESUMO

Este artigo pretende explicitar o fenômeno do sofrimento ocorrido nos campos de concentração nazistas, sintetizado no filme húngaro *Sorstalanság*, de Lajos Koltai. Tem como objetivo relacionar o conteúdo da película, a dor do protagonista judeu e os conceitos filosóficos formulados por Viktor Frankl, através do uso de uma metodologia de confronto: da história presente no vídeo, da narrativa contida no livro *Sem destino*, de Imre Kertész, e dos pensamentos de Viktor Frankl sobre o sentido da vida e a angústia impingida aos judeus, naquelas áreas. Tenciona identificar, por fim, que é possível conseguir a sobrevivência em situações hostis e de grande tormento, se houver uma motivação suprarrelevante, ou seja, algo que transcenda a agonia do sujeito e promova a significância existencial.

PALAVRAS-CHAVES: *Fateless*. Filme. Viktor Frankl. Judeus. Nazistas. Vida. Sentido.

ABSTRACT

This article intends to explain the phenomenon of suffering occurred in the Nazi concentration camps, synthesized in the hungarian film *Sorstalanság*, by Lajos Koltai. It aims to relate the content of the film, the pain of the Jewish protagonist, and the philosophical concepts formulated by Viktor Frankl, through the use of a confrontational methodology: of the story present in the video, of the narrative contained in the book *Fateless*, by Imre Kertész, and the thoughts of Viktor Frankl about the meaning of life and the anguish imposed upon the Jews in those areas. It intends to identify, finally, that it is possible to achieve survival in hostile situations and of great torment, if there is a supra relevant motivation, that is, something that transcends the agony of the subject and promote the existential significance.

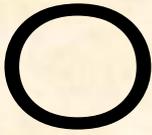
KEYWORDS: *Fateless*. Movie. Viktor Frankl. Jews. Nazis. Life. Sense.

¹ Pesquisadora do GECEF/CNPq-Grupo de Estudos Sobre Cinema e Ensino de Filosofia do Claretiano Centro Universitário.

Sonhávamos nas noites ferozes
Sonhos densos e violentos
Sonhados de corpo e alma:
Voltar; comer; contar.
Então, soava, breve e submissa, a ordem do amanhecer: “Wstavach”;
E se partia no peito o coração.
Agora reencontramos a casa,
Nosso ventre está saciado,
Acabamos de contar.
É tempo.
Logo ouviremos ainda o comando estrangeiro:

Wstavach (LEVI, 1946).

Introdução

 Holocausto é um fato histórico resumido ao processo de higienização racial nazista que culminou no genocídio de judeus e de outros grupos sociais da Alemanha nas décadas de 30 e 40. Segundo o Yad Vashem²(2018), "os alemães e seus cúmplices demoraram quatro anos e meio para assassinar seis milhões de judeus. Eles foram os mais eficientes de abril a novembro de 1942 – nos 250 dias em que assassinaram cerca de dois milhões e meio de judeus"³(tradução do autor).

De acordo com o jornal *El País* (2017), "Raul Hilberg, o grande historiador do Holocausto, considerava que sempre se contou a *Shoá* através dos relatos dos sobreviventes, quando só se pode narrá-la através dos mortos [...]". Informa que: "[...] cada um é uma história, alguém que teve a vida tirada em um turbilhão de horror. Um número de Friedländer pode resumir a dimensão da catástrofe: mais de 1,5 milhão de judeus assassinados tinham menos de 14 anos".

Nota-se que o estudo acentuado desse acontecimento histórico é crucial para a promoção do entendimento de sua anomalia. Como foi viável a efetivação de tantas mortes? Como alcançar esse sofrimento? Qual é a fórmula para se sobrepor ao terror? Pensar no uso dos diálogos dos judeus que se perpetuaram aos horrores do *Shoah*, como um jeito de reconhecer a sistematização burocrática usada para a

² Yad Vashem é o memorial oficial de Israel a lembrar as vítimas judaicas do Holocausto. Foi estabelecido em 1953, através da Lei Yad Vashem passada pela Knesset, o Parlamento de Israel (WIKIPEDIA, 2018).

³ [...] *the Germans and their accomplices four and a half years to murder six million Jews. They were at their most efficient from April to November 1942 – 250 days in which they murdered some two and a half million Jews.*

destruição dos semitas, é um caminho que possibilita uma resposta para essas questões.

O filme *Sorstalanság* [“Marcas da guerra”], dirigido em 2005 pelo diretor húngaro Lajos Koltai (n. 1946), inspirado na biografia do escritor Imre Kertész (1929-2016), presta-se a esse papel, em um dado momento. Nele, consegue-se traçar uma evolução linear da atuação ideológica e política do nazismo e de todas as etapas de sua materialização no extermínio dos judeus da Europa, no período de 1933 a 1945.

O livro *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*,⁴ de Viktor Frankl, classifica o roteiro psicológico do sofrimento das vítimas nos campos de concentração nazistas. Desse modo, é aceitável traçar justificações do porquê poucas pessoas conseguiram se preservar àqueles fatos e como isso seria evitado, em um horizonte próximo.

Pode-se, então, deduzir que a sobrevivência à barbárie, ou mesmo a qualquer sofrimento, muito mais do que exigir a sorte ou o destino, impõe uma postura interna de comunhão do ego com o sofrimento e de transmutação do nada em prol do sentido.

Filmologia do testemunho: *Fateless* – revelação e sentido de vida em Viktor Frankl

O Holocausto⁵ simboliza a perseguição, a segregação, a deportação e a carnificina dos judeus pelo regime nazista. Iniciou-se na Alemanha, em janeiro de 1933, com o surgimento do Estado totalitário de Adolf Hitler (1889-1945) e expressou o antissemitismo vigente além do desejo de supremacia da raça ariana em toda a Europa.

A historicidade desse evento – a *Shoah* – é prolongada e centralizou-se unicamente no genocídio rigoroso de milhares de judeus e de outros cidadãos

⁴ Frankl, Victor. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Sulina, 1987.

⁵ **1** REL. Sacrifício ou ritual religioso praticado especialmente pelos antigos hebreus em que a vítima era totalmente queimada; **2** A vítima assim sacrificada; **3** POR EXT. O ato ou o efeito de sacrificar-se; expiação, sacrifício: “[...] se fora ele, enfim, que, em nome da própria honra, oferecera seus filhos em holocausto, fora ele também que, depois de tanta honra, se vira subitamente despojado dela, acabrunhado, abatido, derrotado” (JU); **4** FIG. O ato de renunciar à vontade própria em favor de outrem; **5** HIST. O genocídio de judeus e de outras minorias, como os ciganos e os homossexuais, ocorrido em campos de concentração nazistas, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (MICHAELIS, 2018).

considerados inferiores e indesejáveis à ideologia expansionista nazi-hitleriana. Nominado similarmente de *Churban*, o Holocausto fortaleceu-se no emprego de ações governamentais e públicas que envolviam hostilidades, humilhações, boicotes econômicos e exclusões comunitárias. Ilustrativamente, as Leis de Nuremberg,⁶ promulgadas na época, expressaram a abolição de direitos e a supressão da cidadania, da identidade dos judeus.

A respeito do efeito dessas normas na rotina dos judeus, Goldhagen expôs:

O evento legal marcante desse cerco crescente de restrições foi o anúncio das leis de Nurembergue, em setembro de 1935. Juntamente com os outros decretos, essas leis definiram juridicamente quem era judeu, fornecendo, pela primeira vez, uma clara compreensão nacional acerca de quais pessoas deveriam ser submetidas a elas e a decretos específicos. Fiel aos fundamentos raciais da visão de mundo e da compreensão dominantes, o critério de definição residiu essencialmente na sanguinidade, e não na identidade religiosa. Além disso, as leis alemãs julgavam ser judeus aquelas pessoas cristãs (graças às conversões de seus pais), mas possuidoras de um resíduo judaico em sua ancestralidade – sem levar em conta a sua não identificação psicológica ou social com os atributos do judaísmo. As leis de Nurembergue também cassaram os direitos dos judeus à cidadania e, com uma enorme importância, simbólica e prática, proscreeveram novos casamentos e relações sexuais extramaritais entre judeus e não judeus. Todas as leis, regulamentos e medidas dos anos 30 serviram para roubar aos judeus seus meios de vida, mergulhá-los em estado de desesperança e isolá-los do resto da sociedade em que podiam mover-se livremente alguns anos antes. Os judeus se tornaram socialmente mortos (GOLDHAGEN, 1997, p. 152).

Depois da “Noite dos cristais”,⁷ em novembro de 1938, a “Questão judaica” converteu-se em um projeto de devastação da população judia. Hitler estabeleceu

⁶ As Leis de Nuremberga (português europeu) ou Leis de Nuremberg (português brasileiro) (em alemão: *Nürnberger Gesetze*) foram um conjunto de leis antisemitas criadas pela Alemanha Nazi, tendo sido introduzidas em 15 de Setembro de 1935 pelo Reichstag, numa reunião especial durante o comício anual em Nuremberga do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). As duas leis foram as Leis para a Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã, as quais proibiam os casamentos e as relações sexuais, fora do casamento, entre judeus e alemães, e o emprego de mulheres alemães com menos de 45 anos de idade em casas de judeus; e a Lei da Cidadania do Reich, a qual estabelecia que apenas aqueles pessoas com sangue alemão, ou sangue relacionado, eram elegíveis para serem cidadãos do *Reich*; os restantes eram classificados como sujeitos do Estado, sem qualquer tipo de direitos de cidadania. Um decreto suplementar com as definições sobre quem era considerado judeu foi publicada a 14 de novembro, e a Lei da Cidadania do *Reich* entrou em vigor naquele dia. Elas foram expandidas a 26 de novembro de 1935, para incluírem os ciganos e os negros. Este decreto suplementar definia os ciganos como "inimigos do Estado racial", a mesma categoria dos judeus (WIKIPEDIA, 2018).

⁷ *Pogrom* nazista organizado contra a comunidade judaica na Alemanha e na Áustria em 9 de novembro de 1938. Em alemão, é chamado de *Kristallnacht*. O nome deriva das vitrines de lojas e vitrais de sinagogas destruídos naquela noite pela turba nazista. É considerado por vários historiadores como o prenúncio do Holocausto. A Noite dos cristais foi uma represália organizada pelo governo nazista ao assassinato do diplomata nazista Ernst von Rath, em Paris, por Hershel Grynszpan, um jovem judeu cuja família havia sido expulsa da Alemanha em 1938. O diplomata foi baleado dentro da embaixada alemã em 7 de novembro. Foi socorrido, mas morreu dois dias depois. Joseph Goebbels, o ministro da propaganda de Adolf Hitler, pretendia fazer do caso uma evidência da “guerra que os judeus travavam contra o 3º Reich”. A morte de Von Rath ocorreu no mesmo dia em que os nazistas comemoravam o 15º aniversário

definitivamente outras medidas oficiais violentas voltadas à erradicação daquele povo: multas, assassinatos, escravidão e redução das rações alimentares.

Em conformidade com Evans (2005, p. 677), já em 1939, “os judeus restantes na Alemanha haviam sido completamente marginalizados, isolados e privados dos meios básicos de ganhar a vida”.

No começo da década de 1940, os semitas do continente europeu acabaram evacuados para os guetos: o propósito dessa condensação de gente em pequenas áreas urbanas cercadas foi um novo abuso à integridade dos exilados. Condições miseráveis de existência, doenças, execuções sumárias nada mais eram que canais provisórios de controle, de desumanização e de liquidação maciça dos constrictos no bairro judeu.

Além dessas circunscrições, o governo alemão utilizou-se de outras providências, visando a eliminação das minorias abominadas: as regiões de transição, as áreas de trabalho escravo, as unidades móveis de extermínio e os batalhões militarizados – a SS e a polícia alemã.

Em 1942, consubstanciou-se a “Solução final da questão judaica” (*Endlösung der Judenfrage*) – providência fundamental para a concepção do holocausto. Os ajustes realizados na Conferência de Wannsee,⁸ realizada em 20 de janeiro daquele

do *Putsch* de Munique, a primeira tentativa do partido de chegar ao poder, e que tornou Hitler conhecido na Alemanha. Tratava-se de uma das datas mais importantes no calendário nazista. Discursando na mesma cervejaria em Munique de onde Hitler e seus comparsas partiram para tentar dar o golpe em 1923, Goebbels incitou os dirigentes do partido e das SA (a tropa de choque do Partido nazista) a vingar o assassinato de Von Rath e atingir os judeus. O principal organizador dos ataques foi Reinhard Heydrich, chefe dos serviços de segurança do Partido nazista (e que, mais tarde, comandaria a aplicação da Solução final). Heydrich ordenou que os soldados da SA se vestissem à paisana, para que o movimento parecesse ser espontâneo. Em apenas uma noite, 91 judeus foram mortos, 30 mil foram presos e enviados a campos de concentração. Quase 8 mil lojas e comércios pertencentes a judeus e mais de 200 sinagogas na Alemanha e na Áustria foram destruídas. Não bastasse a violência, o governo nazista cobrou da comunidade judaica uma indenização de 1 bilhão de marcos pela destruição causada pelos seus próprios agentes. A selvageria do ataque assustou a opinião pública mundial na época e causou uma onda de emigração judaica. Grynszpan, o jovem que matou Von Rath, ficou sob custódia das autoridades francesas até 1940, quando foi entregue à Gestapo, após a invasão da França pela Alemanha. Seu destino exato é desconhecido. Em 1960 o governo da então Alemanha Ocidental o declarou “legalmente morto”. Suspeita-se de que tenha morrido em uma prisão nazista, entre os anos de 1944 e 1945 (CONIB, 2018).

8 A Conferência de Wannsee (em [alemão](#): Wannseekonferenz) consistiu numa reunião de membros superiores do governo da [Alemanha Nazi](#) e de líderes das [SS](#), realizada no subúrbio de [Wannsee](#), em [Berlim](#), em 20 de Janeiro de 1942. O objetivo da reunião, marcada pelo diretor do [Gabinete Central de Segurança do Reich](#), [SS-Obergruppenführer Reinhard Heydrich](#), era assegurar a cooperação dos líderes de vários departamentos do governo na implementação da [Solução final para a Questão judaica](#), pela qual grande parte dos judeus das regiões europeias ocupadas pela [Alemanha](#) seriam deportados para a [Polónia](#) e eliminados. Os participantes da reunião incluíam representantes de vários ministérios do governo como secretários-de-Estado do Ministérios das Relações Exteriores, Justiça, e Interior, tal como ministros e representantes das [Schutzstaffel](#) (SS). No decurso da reunião, Heydrich descreveu como os judeus europeus seriam reunidos, desde o oeste ao leste, e enviados para [campos de extermínio](#) no [Governo geral](#) (a parte ocupada da Polónia) onde, então, seriam executados (WIKIPEDIA, 2018).

ano, importaram: 1) no desmantelamento dos guetos (1943); 2) na criação de câmaras de gás/crematório (Auschwitz, 1944); e 3) nas marchas da morte (1945).

Segundo Kershaw, ainda no início de 1942, o chefe nazista manifestou-se a respeito dos pactos elaborados naquela reunião, para um *Sportpalast* superlotado:

Já afirmei, em 1º de setembro de 1939 no *Reichstag* alemão – e evito profecias precipitadas demais – que essa guerra não chegará ao fim, como os judeus imaginam, com a exterminação dos povos ariano-europeus, mas que o resultado desta guerra será a aniquilação da judiaria. Pela primeira vez, a velha lei judaica será agora aplicada: olho por olho, dente por dente. [...] E chegará a hora em que o mais maligno inimigo do mundo de todos os tempos terá esgotado o seu papel, pelo menos por mil anos (HITTLER apud KERSHAW, 2008, p. 733).

Os campos de concentração foram construídos em 1933, para o trabalho forçado. Posteriormente à delimitação da Solução final, no entanto, Chelmno, Belzec, Sobibor, Treblinka e Auschwitz-Birkenau (levantados ao leste da Polônia) transformaram-se em locais de extermínio/cremação: esses recintos possuíam o escopo da gaseificação e da incineração dos corpos dos imolados pelo nazismo.

Auschwitz foi o maior campo criado pela gestão nazista: assentado nas imediações da Cracóvia (Alta Silésia), fragmentou-se em três estruturas autônomas: 1) Auschwitz I, ou Oswiecim (arquitetado em 1940) – em seu domínio, os adversários do hitlerismo serviam ao escravismo e aos experimentos médicos; 2) Auschwitz II (Birkenau, 1941) – campo de extermínio e da cremação; 3) Auschwitz III (Monowitz, 1942) – abrigo de prisioneiros responsáveis pela produção de borracha sintética (IG Farben).

Auschwitz personificou a malignidade segmentada na degradação e na objetivação dos indivíduos. Significou o sistema perverso de dominação de diferentes agrupamentos coletivos e, em razão da sua inimagibilidade, é alvo de pesquisas permanentes na atualidade.

Dentre os esforços ao juízo do que traduziu o Holocausto, a anamnese e os depoimentos são de considerável importância. Contar a trajetória dos hebreus na Segunda Guerra Mundial é um esforço de vivificação das reflexões relativas às razões da perversidade humana e de como resistir a ela.

O enredo do *Shoah* é um conjunto das vozes e da memória dos sobreviventes da Solução final: recordações e sigilos transformam a experiência em uma transcendência da dor e do absurdo. Sua captação, por outro lado, é apenas

praticável pelo maneiio das declarações daqueles que permaneceram entre nós: a morte de muitos judeus só pode ser valorada se visualizada na singularidade das falas dos mártires.

Relembrar o martírio judeu na Alemanha de Hitler é esquivar-se da probabilidade de que esse gênero de ocorrência aconteça novamente. Muitas lembranças evoluíram à escrita com essa finalidade. Livros como *Crônicas do Guetto de Varsóvia*, de Emmanuel Ringelblum;⁹ *The chronicle of the Lodz¹⁰ Guetto*, editado por Lucjan Dobroszycki e os *Diários*, de Victor Klemperer¹¹ são criações descritivo-exemplificativas daquela fase histórica e do calvário dela derivado

Pode-se notar um detalhamento minucioso dos fatos históricos em alguns exemplares, ao observar-se as suas anotações, conforme este informe de Viktor Klemperer:

30 de janeiro. Hitler chanceler. O que denominei terror até o domingo da eleição, 5 de março, foi um *prélude* suave. Repete-se agora exatamente, apenas com outros sinais – como a suástica - a situação de 1918. Mais uma vez, é surpreendente como tudo desmorona sem reação. Onde está a Baviera, onde está a bandeira do *Reich*, etc, etc? Oito dias antes da eleição,

⁹ Emanuel Ringelblum (Buchach na atual Ucrânia, 12 de Novembro de 1900 - Varsóvia, 7 de Março de 1944) foi um historiador, pedagogo e escritor polonês. Historiador formado na Universidade de Varsóvia, Emanuel Ringelblum trabalhou em organizações sociais, destacando-se na ajuda aos judeus poloneses deportados da Alemanha, entre 1938 e 1939. Com o início da Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã da Polônia, a sua família e todos os judeus de Varsóvia foram realocados para o Gueto de Varsóvia em 1940. Dirigiu uma sociedade secreta chamada Oyneg Shabbos integrada por outros historiadores, escritores e rabinos judeus, que consistia em registrar a vida no gueto, coletando depoimentos, *posters*, diários e outros documentos. Além disso, foi também um dos mais ativos membros da organização social Ajuda Social Judia (*Żydowska Samopomoc Społeczna*). Próximo da destruição do gueto em 1943, o arquivo foi posto em três latas de leite e em caixas de metal e enterradas. Ringelblum, a sua esposa e o seu filho conseguiram escapar do gueto. Entretanto, em 7 de março de 1944, o seu refúgio foi descoberto pelos nazistas. Tanto Ringelblum e a sua família como a família polonesa que lhes dava abrigo foram executados.

¹⁰ O Gueto de Łódź (em alemão: *Ghetto Litzmannstadt*) era um gueto da Segunda Guerra Mundial estabelecido pelas autoridades alemãs nazistas para judeus e gregos polacos após a invasão da Polônia em 1939. Era o segundo maior gueto em toda a Europa ocupada pelos alemães depois do Gueto de Varsóvia. Situado na cidade de Łódź e originalmente destinado a ser um passo preliminar sobre um plano mais extenso de criação da província de Judenfrei de Warthegau, o gueto foi transformado em um importante centro industrial, fabricando materiais de guerra muito necessários para os nazistas da Alemanha e especialmente para o exército alemão. O número de pessoas nela encarceradas foi aumentado ainda mais pelos judeus deportados dos territórios do *Reich*.

¹¹ O Professor Doutor Victor Klemperer – judeu alemão (asquenaze) nascido em 9 de Outubro de 1881 em Landsberg an der Warthe e falecido a 11 de Fevereiro de 1960 em Dresden – foi um professor universitário de filologia românica na Universidade de Dresden até que foi demitido de suas funções em 1935, dois anos depois da chegada de Hitler ao poder. Foi um dos poucos habitantes de Dresden de origem judaica que sobreviveram ao Holocausto sem terem fugido para a Palestina, os Estados Unidos ou outros refúgios. Klemperer tornou-se famoso pelo diário que manteve, relatando a sua vida em Dresden nos anos do nazismo, um período crítico da história da Alemanha

aquele episódio grosseiro do incêndio do *Reichstag*, do parlamento – não consigo imaginar que alguém acredite realmente em um autor comunista, em vez de um trabalho encomendado pela SS. Logo em seguida, a selvageria das proibições e das agressões (KLEMPERER, 1995, p. 13).

A fome e a ameaça crescem diariamente. Parece que deveremos mudar de casa dentro de poucas semanas – para um lugar mais apertado e pior (aquí há um pouco de verde e um banheiro e um pequeno número de pessoas. Mas, e na próxima moradia? (KLEMPERER, 1995, p. 501).

A mesma espécie de explicação obtém-se de Dobroszycki:

A resistência dos homens que se escondem do recrutamento para o trabalho externo é tão grande quanto o medo de serem despachados do gueto. Eles não recebem rações porque seus cartões de comida foram invalidados; e o mesmo vale para suas famílias. Depois de quase quatorze dias em seus esconderijos, de que modo esses homens estão vivendo? Se eles tiverem conexões, ainda poderão obter sopas e outros sustentos através de intermediários. Se não o fizerem, terão que atravessar os dias sem o café. Um homem que foi pego fora de seu esconderijo tinha vivido no nada, mas sem café por dias e, naturalmente, meio que morrendo de fome. Outro homem foi encontrado em uma cozinha de sopa que havia sido fechada. Ele estava (descoberto) em um caldeirão, meio congelado. Muitos outros continuam a mudar seus esconderijos de noite, de um distrito a outro, um passo à frente das patrulhas. Uma vez que todas as partes do gueto estão interligadas por tribunais e um labirinto de passagens, os fugitivos podem evadir da caça com bastante facilidade. Suas famílias, porém, não podem aguentar, a longo prazo. E assim, todos os dias, homens demolidos, em estado de exaustão nervosa, estão se transformando na Prisão central. Um bloqueio da fome na cidade da fome. Esta fome no último grau (tradução do autor) (DOBROSSZYCKI, 1984, p. 457).

E, posteriormente, de Ringelblum:

O choro das crianças que pedem esmola, que se queixam de não terem onde dormir, faz uma impressão terrível, simplesmente monstruosa. À esquina das ruas Leszno e Karmelicka, todos os dias se ouvem crianças a gemer. Ouço-as todas as noites e todas as noites me custa adormecer. Os poucos *groch* que lhes dou não podem tranquilizar a minha consciência (RINGELBLUM, 1964, p. 263).

Continuam a chegar notícias sobre o extermínio sistemático das crianças e dos velhos judeus. O que se passou nas províncias orientais ocorreu agora em Biala Podloska, onde sessenta vagões de crianças e velhos desapareceram. Não se trata de um campo, mas da liquidação pura de muitos velhos e dos muitos novos. Os judeus que não podem trabalhar ao serviço dos alemães são inúteis, os primeiros a serem exterminados [...] (RINGELBLUM, 1964 p. 315).

A interpretação cinematográfica do Holocausto é igualmente uma estratégia primordial à apreensão e à reconstrução do padecimento judeu: a dramatização do cataclismo alemão, nos anos de 30 e 40, é a transmissão ao espectador daquela catástrofe, por imitação (*mimesis*).

Nos documentários sobre o nazismo, é notado o delineamento do cotidiano dos sofrendores. O cinema, nessa ocasião, produz uma volatilidade temporal que estimula o observador a se aproximar da natureza da lembrança: tão somente por via das imagens e dos sons presentes nas fitas, a percepção da realidade pelo indivíduo será assimilada e transformada.

É assim que *Sorstalanság*,¹² filme dirigido por *Koltai*, retrata a estória de György Köves, um adolescente de quatorze anos que é encaminhado ao campo de concentração *Buchenwald*. Essa narração é um espelhamento da autobiografia de Kertész,¹³ sintetizada no volume *Fateless*. Kertész, através do intérprete György, expõe as impressões e sensações de um judeu jovem que não compreende a real marginalização que o envolve. Esse relato, todavia, é um menecma histórico, formado nas alegações de toda a provação diária dos judeus provocada pelo poder hitleriano.

Pode-se analisar nos painéis iniciais do longa-metragem, tal como no diário, a reflexão sobre a ingenuidade calma do narrador. Há um desconhecimento dos significados do uso da estrela de Davi, da relevância da convocação do seu pai comerciante para a servidão compulsória ou do produto deste afastamento paterno. Há também uma ignorância no tocante ao despejamento dos bens e ao termo da convivência entre os dois:

a seguir, ele me disse algumas coisas interessantes e inesperadas. Por exemplo, que, nesse dia triste, uma fase da minha vida, "anos da infância, felizes, sem problemas", encerrava-se para mim. Sabia – falou – que eu não havia pensado nisso nesses termos. Reconheci: não. Mas, na verdade – continuou – imaginava que as palavras dele não me causavam muita surpresa. Confirmei, de novo: não [...].

¹² Título *Sorstalanság* [original]. Ano produção 2005. Dirigido por Lajos Koltai. Estreia: 8 de fevereiro de 2005. Duração: 140 minutos. Gênero: Drama de guerra. Países de Origem: Alemanha, Hungria, Israel, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte. Sinopse: O húngaro Gyorgy, de 14 anos, terá de antecipar a sua maturidade por força das circunstâncias. Sua realidade pacata muda por completo quando, com a eclosão da Segunda Guerra, ele é enviado para um campo de concentração. Judeu, ele procura encontrar razões para sorrir, mesmo em meio às atrocidades, sonhando em poder, um dia, retornar à sua Budapeste natal. Baseado no romance do ganhador do Nobel, Imre Kertész, *Fateless* ["Sem Destino"] (FILMOW, 2018).

¹³ Imre Kertész (1929-2016) foi um [escritor húngaro](#) de religião [judaica](#), sobrevivente do [holocausto](#), e galardoado com o [Nobel de Literatura](#) de 2002, "por escrita que confirma a frágil experiência do indivíduo face à arbitrariedade bárbara da história". Sua obra mais conhecida, *Sorstalanság* ["Sem destino"], descreve a experiência de um rapaz de 15 anos nos campos de concentração de [Auschwitz-Birkenau](#), [Buchenwald](#) e [Zeitz](#). Foi interpretada por alguns críticos como quase autobiográfica, mas o autor desmente uma forte ligação com a sua biografia. A partir de *Sorstalanság*, foi rodado um filme na [Hungria](#), em 2005. Faleceu na madrugada de 31 de março de 2016, em [Budapeste](#), vítima de uma doença prolongada

[...] sim – ele disse – eu teria de descobrir "a preocupação e a renúncia", antes do tempo. Pois era sabido que, a partir de então, a minha sorte não mais seria boa – e ele não pretendia escondê-lo, falava comigo como "entre adultos". "Agora você também partilha do destino comum dos judeus"; depois, estendeu-se, ressaltando que a nossa sina era "[uma] perseguição ininterrupta, havia milênios"; que os judeus "têm que aceitar com serenidade e resignação" os desígnios de Deus pelos pecados do passado [...].

[...] quis saber se eu me sentia forte e preparado. Embora eu não compreendesse bem a linha do pensamento, especialmente o que dissera sobre os judeus, os pecados e Deus, sensibilizei-me com as palavras dele (KERTÉSZ, 2003, p. 18-19).

Pelas conjunturas que se descortinam nas cenas, verifica-se uma confusão da figura de György com a imagem da etnia judia, por ele representada: o videoclipe e a crônica entrelaçam-se. Arrisca-se a perceber, no jovem, uma irreflexão sobre o sofrimento dos judeus (o mesmo pressentimento passivo dos judeus sobre os episódios que lhes seriam predestinados): em uma completa alheação, Gyorgy adapta-se às causalidades no estado em que elas se apresentam: sente o ódio e o preconceito das pessoas e percebe as conjunções de desigualdade social que são impostas à sua gente.

Essa condição, contudo, é modificada, após uma de suas idas ao trabalho: o menino é apreendido e compelido a intuir a sua verdade, de outro ponto de vista. As interrogações que lhe são postas referem-se à carência de autonomia, à pendência agonizante do que é o futuro e ao transporte tormentoso ao cativo.

O vídeo mostra o seu deslocamento pela planície embaçada, os arames farpados, as chaminés incessantes, a lama, a prostração e a descrença: o campo é o nada. Ele também, em contrapartida, evidencia o processo de desidentificação do ser: György transforma-se em um número:

Recebi – como todos – uma camisa de listras brancas sob um fundo azulado, do tempo do meu avô, com a gola sem botões ou colarinho e uma calça mais adequada à velhice, dobrada nos tornozelos, com dois barbantes para amarrá-la, uma espécie de paletó com aparência de [ter sido] usado, uma cópia exata das que vestiam os presos, de lona, com listras azuis e brancas – roupa regular dos prisioneiros, qualquer que fosse o ponto de vista; num salão mais amplo, eu mesmo escolhi numa pilha um par de sapatos de sola de madeira, forrado de tecido, sem cadarço, com três botões na lateral que se ajustavam aos meus pés [...]

[...] Eu não sabia quem comandava nem o que se passava, só me lembro que se impunha uma pressão, um ímpeto me arrastava, me empurrava nos sapatos novos em que eu tropeçava um pouco numa nuvem de pó e, entre pancadas estranhas nas minhas costas, como se alguém estivesse nos açoitando, continuava na direção de novos pátios, novos portões que se abriam e se fechavam (KERTÉSZ, 2003, p. 69-70).

A dor é simbolizada pela solidão e o dia a dia estéril do *Lager*: nesse painel de insulação, o personagem principal tem acesso à sua essencialidade, ao estabelecer uma relação de amizade com Bandi Citrom. Com ele, aprende a resistir e a idealizar a vivência no cárcere e fora dele: depreende justamente a necessidade de adoção de ações simples, visando a manutenção de sua autoestima e de sua saúde:

o essencial não era nos entregarmos. De alguma maneira, o que for será, porque nunca aconteceu de não ter sido de algum modo – como raciocinava Bandi Citrom, com a sabedoria adquirida no campo de trabalhos. Fossem quais fossem as circunstâncias, a coisa mais importante, a primeira, era lavar-se (a linha paralela de balas debaixo dos canos de ferro furados, ao ar livre, na área do campo junto da estrada). Era igualmente primordial – houvesse ou não – a repartição econômica da ração. Do pão tinha de restar, a despeito da disciplina que essa determinação demandasse, um pedaço para o café da manhã do dia seguinte e, mais um pouco ainda, – toda a nossa atenção dirigida ao bolso e à vigilância permanente do gesto esboçado pelas mãos nessa direção – para o intervalo do almoço – e somente conseguiríamos evitar a tentação torturante se pensássemos: não há o que comer. Dos meus trajes, imaginava os trapos que usava nos pés como sendo lenços; durante o *appel*, durante a marcha, a fileira do meio era a mais segura. Durante a distribuição da sopa, não era na frente, mas era atrás que deveríamos procurar ficar, pois, presumia-se, os últimos seriam servidos com aquela porção mais substancial, depositada no fundo do caldeirão. As bordas do cabo da colher poderiam ser transformadas em uma faca: isso e muitas coisas mais, uma sabedoria necessária em matéria de vida de prisioneiro. Aprendi com Bandi Citrom e procurei me portar como ele. Nunca teria pensado, mas é verdade: evidentemente, em nenhum outro lugar é tão importante uma certa organização da vida, uma certa exemplaridade, ou seja, uma virtude, quanto na prisão (KERTÉSZ, 2003, p. 94-95).

Todavia, os personagens definham lentamente na evolução dos fatos filmados: o labor é árduo, pesado, repetitivo e inútil, tão incoerente quanto o próprio *Lager*. O visível esgotamento dos encarcerados é fotografado tal como a destituição de dignidade e da significação promovida pelos campos de concentração.

Os efeitos cinematográficos estimulam esse envolvimento no espectador: a música *OST Sorstalanság I*, de Ennio Morricone, sugere um sinal de mal-estar mesclado com taciturnidade própria do exílio e da desproteção. Aponta, ademais, para um intenso buraco existencial. Várias passagens apreendem a sensação de não existência: tomadas isoladas de bagagens dos passageiros e dos vagões do trem mostram uma esterilidade que importa no reconhecimento dos judeus como uma nulidade.

O *Lager* é um cenário enlameado, turvado e confuso. As cenas em preto e branco e sombreadas refletem a melancolia e a progressão do isolamento, nessa

produção. A tonalidade da cor sépia, das sombras e da luz são variáveis, de acordo com os ânimos do campo.

O herói é a imagem da penúria. Alterca-se nas oficinas, no lodo, no escuro, na chuva, nas latrinas e nos defuntos. O diretor focaliza sempre a fisionomia de Giorgy: essa é a réplica do desespero, da aflição e do desamparo.

No limite da fadiga, o intérprete adoenta-se e é transportado, com os cadáveres nus dos enfermos, ao crematório. Ao lado dos mortos, contempla o céu infinito, cheio de nuvens e de luminescência: esta é a antítese do niilismo que encerra a sua prova naquele lugar.

Por um caso fortuito, consegue perdurar aos terrores do campo, mas, liberto, não se identifica com o mundo que se lhe apresenta. Gyorgy está livre: a estranheza, a falta de empatia, a vacuidade, a ironia, a amargura e a ira são os ânimos que o acompanham no desfecho da experimentação. Andando pela praça, rumo ao desconhecido, o rapaz não possui mais aquela inocência inicial.

Kertész faz uma advertência:

porém, não exageremos, pois é nisso que reside a questão: estou aqui e, sei bem, aceito todos os argumentos ao preço de poder viver; sim, ao olhar ao redor dessa praça pacata, no crepúsculo, nessa cidade castigada pelas tempestades e, ainda assim, cheias de promessas, senti crescer, avolumar-se em mim, a disposição: vou continuar a minha vida impossível de ser continuada[...].

[...] Todos perguntam apenas das condições, dos “horrores”, ao passo que, para mim, a experiência mais memorável é esta. Sim, da próxima vez, se me perguntarem, eu deverei falar disso, falar da felicidade nos campos de concentração. Se me perguntarem e se eu não me esquecer (KERTÉSZ, 2003, p. 174-175).

Frankl delinea, em sua obra *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*, um aprendizado análogo: confinado em Auschwitz, o filósofo constrói um pretérito – recordações de martírios e de valoração da vida – por intermédio da memoração, tal e qual Kertész.

Percebe-se, não obstante, que ele adotou uma postura psicanalítica quanto ao seu cotidiano naquela província: esta é a diferença existente entre o seu conto e o dos demais sobreviventes.

Portanto, espreita-se em seus escritos uma abordagem aos sentimentos da apatia (decesso subjetivo), das saudades, do asco, da indiferença e da ausência de sentimentalidade:

o nojo de toda a fealdade que o cerca, interior e exterior [...]. Como a maioria dos seus companheiros, o prisioneiro está "vestido" em farrapos tais que, a seu lado, um espantalho teria ares de elegância. Entre as barracas, no campo de concentração, há somente um lodaçal. E quanto mais se trabalha em sua eliminação, tanto mais se entra em contato com a lama. É justamente o recém-internado que costuma ser destacado para grupos de trabalho nos quais terá que se ocupar com a limpeza de latrinas, eliminação de excrementos, etc. Quando estes são transportados sobre terreno acidentado, geralmente não escapamos de levar uns respingos do líquido abjeto; qualquer gesto que revele uma tentativa de limpar o rosto, com certeza provocará uma bordoadada do Capo, que se irrita com a excessiva sensibilidade do trabalhador. A mortificação dos sentimentos normais continua avançando (FRANKL, 1984, p. 16).

Outra: quando ele mesmo, à noite, fica se espremendo no ambulatório na esperança de receber dois dias de "repouso", por causa de suas lesões ou de seu edema, ou por causa de sua febre, de sorte que não necessita sair para o trabalho, durante esses dois dias, não se deixa perturbar ao ver um menino de uns doze anos, para o qual não mais havia calçados no campo e que, por isso, fora obrigado a ficar por horas a fio de pés descalços na neve, prestando serviços externos durante o dia. Os dedos dos pés do menino estão crestados de frio e o médico do ambulatório arranca com a pinça os tocos necróticos e enegrecidos de suas articulações. O nojo, o horror, o compadecimento, a revolta, tudo isso o nosso observador já não pode sentir nesse momento. Padecentes, moribundos e mortos constituem uma cena tão corriqueira, depois de algumas semanas num campo de concentração, que não conseguem mais sensibilizá-lo (FRANKL, 1984, p. 19).

Toda a descrição minuciosa da subsistência no *Lager* volta-se à absorção de que o homem, naquela paragem, retrai-se primitivamente à realidade anímica que, no que lhe concerne, resume-se nos sonhos de satisfação de suas necessidades mais básicas. Sob outro ângulo, a vontade de preservação é consequência da nulidade de emoções e empatias.

A escassez de afetos do preso é precisamente um dos reflexos da desvalorização de tudo aquilo que não serve aos seus interesses primitivos. Isso dá origem a um retraimento ante todos os assuntos intelectuais e culturais, todas as predileções sublimes.

É nesse instante de desolação e aridez, que Frankl estabelece as bases de sua teoria acerca da essência da vida. Se a presença no campo é tortura, angústia, perda e óbito, é viável obter-se um valor na fantasia dos instantes banais do pretérito, pela atividade artística, pelo insulamento e pela liberdade íntima. Essa é a depuração do espírito que afasta o horror dos fatos e da desqualificação da pessoa de maneira a permitir-se à remanescência.

Ali tinham improvisado, com algumas estacas e galhos, uma espécie de barraca na qual se jogava a meia dúzia de cadáveres "produzidos" diariamente em nosso campo – que era considerado pequeno! Havia ali no chão uma abertura de acesso à canalização subterrânea, fechada com uma tampa de madeira. Eu me sentava nela, sempre que me podiam dispensar, por alguns minutos, como médico no galpão. Aninhado ali, eu contemplava por entre a vinheta obrigatória do arame farpado – os vastos campos verdejantes e floridos, as distantes colinas azuis da paisagem bávara. Ali eu sonhava os sonhos de minha saudade e enviava meus pensamentos para bem longe, para o norte e o nordeste, onde supunha pessoas amadas. Agora, porém, somente enxergava ali nuvens de perfil estranho e bizarro. Atirados a meu lado, os cadáveres cheios de piolhos não chegavam a me perturbar. Arrancavam-me dos meus sonhos apenas os passos do vigia a patrulhar periodicamente a cerca de arame farpado ou, talvez, um chamado do galpão a me mandar para a enfermaria central a fim de receber medicamentos recém-chegados para a minha estação de quarentena: cinco ou dez comprimidos de um sucedâneo de Aspirina, ou Cardiazol, para tratar cinquenta pacientes, durante vários dias (FRANKL, 1984, p. 34).

A independência no sujeito exprime-se na sua competência de transmutar a cognição do mal em um pacto criativo: uma trilha de promessas e princípios. O filósofo infere que o exame dos enclausurados de Auschwitz elucida o vínculo efetivo da subsistência e do cultivo dos valores espirituais.

Para ele, à vista disso, o sentido da vida é a apropriação da responsabilidade e das exigências de cada instante. E, no infortúnio, saber diferenciar que essa experimentação é exclusiva, pessoal, e tem o condão de coagir o indivíduo a uma visão da angústia que nem uma passagem a ser conquistada: uma trajetória que exige um triunfo, uma glória, além da morte.

Conclusão

Estudar o holocausto e a sua projeção pelo cinema e pela literatura é uma fórmula de se conhecer o fato histórico e as suas consequências. “Marcas da guerra”, Viktor Frankl e Imre Kertész são instrumentos de apreciação, válida e didaticamente, do que foi o viver e o sentir naquele cenário passado.

As sensações e saberes propiciados por esses veículos são uma forma de modificar-se o sujeito, através de assimilação dos conceitos de hediondez, sofrimento e virtude. Película e linguagem definem, à visão do assistente/leitor, o assombro da participação da sociedade nas ideações nazistas, a maldade das facções, a agonia

inconcebível da criatura e a importância da força subjetiva e interior para a sublimação do eu diante de circunstâncias adversas.

O sobreviver à monstruosidade da ação humana – ideia principal desta investigação – é, pois, a transcendência da dor, o alongamento do indivíduo, pela vida, na procura de um futuro melhor independentemente de quaisquer premissas.

Logicamente, a liberdade sentida nesse itinerário é um dos métodos de imaginar-se a antinomia do viver e do morrer. Também é um jeito de compreender que a memória, a revelação e a palavra possuem um valor mais profundo que o próprio sofrimento do ser humano: são eternos e imortais.

O sentido, por consequência, não está situado nos fatos ou no tempo. Ao contrário, encontra-se na dimensão imensurável de cada consciência. A representação, a compreensão, e a incorporação dessa ideia pelos homens são alguns artifícios que justificam a subjetividade humana no tempo e no espaço em que está inserida, ao longo da história: esse é o legado do testemunho.

REFERÊNCIAS

ALTARES, Guillermo. **Por que falamos de seis milhões de mortos no Holocausto?** El País. Internet. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/13/internacional/1505304165_877872.html> . Acesso em: 09 fev. 2018.

CONIB: **Confederação Israelita do Brasil.** Internet. Disponível em: <<http://www.conib.org.br/glossario/Noite%20dos%20Cristais>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

DOBROSZYCKI, Lucjan. **The chronicle of the Lodz Ghetto. 1941-1944.** Tradução de Richard Lourie, Joachim Neugroschel e outros. London: Yale University Press, 1984.

EVANS, Richard. J. **O terceiro Reich no poder:** o relato mais completo e fascinante do regime nazista entre 1933 e 1939. Tradução de Lúcia Brito. 2.ed. São Paulo: Planeta, 2005.

FEST. Joachim. **Hitler.** 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Tradução de Carlos C. Aveline. Internet. Disponível em: <http://www.urantiagaia.org/mental/logoterapia/EmBuscaDeSentido-ViktorFrankl.pdf>. Acesso em: 09 de fev. 2018.

GILBERT, Martin. **O holocausto**: história dos judeus da Europa na segunda guerra mundial. Tradução de Samuel Feldberg e Nancy Rozenchan. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

GOLDHAGEN, Daniel. J. **Os carrascos voluntários de Hitler**. Tradução de Luis Sérgio Roizman. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HELM, Sarah. **Ravensbruck**: a história do campo de concentração nazista para mulheres. Tradução de Cristina Cavalcanti. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

KERSHAW, Ivan. **Hitler**. Tradução de Pedro Maria Soares. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KERTÉSZ, Imre. **Sem destino**. Tradução de Paulo Schiller. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

KLEMPERER, Victor. **Os diários de Victor Klemperer**: testemunho clandestino de um judeu na Alemanha nazista – 1933-1945. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KULSKI, Julian. **A cor da coragem**: a guerra de um menino – O diário de Julian Kulski na segunda guerra mundial. Tradução de Clovis Marques. 1.ed. Rio de Janeiro: Valentina, 2016.

MICHAELIS. **Internet**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=BVVNw>>. Acesso em: 09 fev. de 2018.

RINGELBLUM, Emmanuel. **Crônica do Ghetto de Varsóvia**. Tradução de Gonçalo d'Orey. Lisboa: Moraes, 1964.

YAD VASHEN: **The World Holocaust Remembrance Center**. Internet. Disponível em: <<https://www.yadvashem.org/holocaust/about.html>>. Acesso em: 09 de fev. 2018.